

Índice

Prefácio	11
Introdução	17

REPRESSÃO

João Guilherme de Rego Arruda	34
O mito da Revolução sem Sangue	57
Fernando Carvalho Giesteira	60
Erros na História	78
José James Harteley Barneto	82
Sobre o esquecimento	95
Fernando Luís Barreiros dos Reis	98
Três caminhos para um mito	115

OMISSÃO

Antônio Lage	120
Verdade e Empatia	136
Manuel Cândido Martins Costa	140
A relevância dos insignificantes	151
Conclusão	140
Agradecimentos	161
Bibliografia	163

Prefácio

O LIVRO QUE FALTAVA

A bibliografia sobre o 25 de Abril de 1974 é hoje imensíssima, mas, sinceramente, para se tornar o mais completa possível, faltava-lhe este livro de Fábio Monteiro, *Esquecidos em Abril. Os mortos da revolução sem sangue*. Não porque houvesse uma exigência de revolver o que de mal e de sangüíneo acontecera naquele dia, mas porque, primeiro, corresponde a uma verdade histórica e, segundo, a memória dos mortos deve ser respeitada, mesmo daqueles que nesse dia se encontravam do lado errado da História, como as duas últimas mortes descritas no livro.

Fábio Monteiro procede como jornalista-historiador que deteta as fontes, confrontando-as entre si, e regista os testemunhos. Nada no seu livro evidencia uma atitude moral (de enaltecimento, de ressentimento ou revanchismo), só a do historiador escrupuloso, como a segunda epígrafe assinala, habitada pelo desejo de resgatar do esquecimento o final fatídico daquele dia “inicial e limpo”. Resgatar os mortos do 25 de Abril do esquecimento é também uma atitude moral, de respeito pela existência de uma vida abruptamente interrompida por rajadas de metralhadora.

Antes do sangue na calçada, à porta da PIDE, houvera a Festa do Largo do Carmo, ritmada pela voz imperiosa do capitão Salgueiro Maia. Assistia-se à derrocada final de um regime ditatorial, fautor

de uma guerra com 13 anos de existência, amarrando a quase totalidade da juventude portuguesa a umas forças armadas decrépitas, sem fulgor guerreiro, comandadas por generais caducos. Podíamos não saber justificar, mas sentia-se o cheiro pútrido do fim do Império, 500 anos após o seu início aquando da expedição a Ceuta em 1415. Com exceção de forças extremistas, não se condenava o Império, fora o melhor retrato da cultura portuguesa para o mundo, apenas se considerava que, na Europa, não era já tempo dele. Era forçoso findar com aquela guerra e aquela política. Por isso, a Festa do Largo do Carmo, inundada, em grande parte, por jovens, que, para embaraço de Salgueiro Maia, ali se dispunham como ajudantes amadores do derrube do regime.

A retirada de Marcello Caetano num *Chaimite* e o cansaço de um dia revolucionário deram o sinal para a debandada. Muitos de nós fomos ao Rossio e aos Restauradores comer em estabelecimentos com portas semiabertas, que serviam sandes fosse do que fosse. Quando descíamos a Rua do Carmo deparámo-nos com uma manifestação que a subia. À sua frente, estimulando-a com palavras de ordem, como “Morte à PIDE”, seguia um aluno da Faculdade de Letras, curso de Filosofia – e nela ia também outro estudante de Filosofia, o João Arruda, açoriano a estudar em Lisboa. Eu juntei-me à manifestação.

Tentando recordar aquele dia, penso que vira o João Arruda de manhã à porta da Faculdade de Letras e que trocámos umas palavras com o padre Manuel Antunes, professor de Cultura Clássica. O professor fora à faculdade desmarcar a frequência daquela cadeira, que deveria decorrer justamente naquele dia. Preocupava-o deixar os alunos sem orientação. O João era meu colega de ano e, mais do que nos conhecermos ou sermos amigos, trocávamos impressões sobre as aulas, a matéria, a dificuldade de ser aluno do primeiro ano do curso. Soube agora pelo livro do Fábio Monteiro que o João já

trabalhava e queria transferir-se para Direito. Percebo hoje a razão por que faltava um pouco às aulas e, sobretudo, chegava muito atrasado à primeira aula da manhã. Havia já desinteresse, não pela Filosofia, sobre a qual recordo palavras suas deveras entusiasmantes no bar da faculdade durante os intervalos, mas sobre o curso que, embora dotado de professores muito competentes, formalizava ou escolarizava as matérias.

Perto do Chiado, juntei-me ao João. Sobre e sob o estrépito deveras ensurdecador das palavras de ordem, havia (ainda) um espírito de festa. Disse-me que estivera no Carmo, respondi que eu também, e íamos falando sobre o que era uma revolução. Retorquiu-me que não, não estávamos a assistir a uma revolução, esta, a dita, ia agora começar. Leio agora a informação do Fábio Monteiro que o João trouxera de Paris o *Livro Vermelho* de Mao Zedong e percebo hoje o seu grande entusiasmo pela revolução que ora se iniciava. A manifestação seguia para a sede da PIDE, o João alçava o punho direito com exaltação e alegria, como se aquele fosse o seu primeiro ato na revolução que então começaria.

Separámo-nos, o João seguiu para a frente, para a dianteira da manifestação, e eu, inocente de políticas, ingénuo e ignorante de vanguardas, acompanhava-a pensando que estava com fome e devia ir ao Rossio comer antes que os cafés semiabertos fechassem. Eis que, acossados os agentes que se recolhiam no edifício-monstro, se abre uma porta-janela para uma diminuta varanda do primeiro ou segundo andar, e nesta se acolita, atabalhoadamente, um agente que procurava posição para disparar, uma e a (pressuponho que uma metralhadora) presa a uma bandoleira balouçava-lhe do ombro. Gritos de pânico e alerta fazem-se ouvir, alguns dos manifestantes enfatizam as palavras de ordem, emerge um silêncio geral cortado pela gritaria compassada de “Morte à PIDE”, e, como se provindas de um mundo diabólico, ouvem-se as rajadas, que logo ali varam

quatro manifestantes. Nós, os imensos jovens lá presentes, segundos antes, protegemo-nos atrás dos carros estacionados e eu, concretamente, atirei-me para baixo de uma furgoneta alta, branca ou creme, rasgando de alto a baixo uma das joelheiras das calças.

Debaixo da furgoneta vi, aterradoramente, o corpo do João tombar no asfalto e o sangue a golfar-lhe da cabeça, empapando-lhe o cabelo comprido. Ainda tinha o punho direito fechado e, paradoxalmente, talvez por efeito muscular do(s) tiro(s) no cérebro, os seus lábios sorriam, ou parecia-me que sorriam.

O João morreu feliz, a lutar pela sua ideia de “Revolução”, a começá-la no término de um dia que também lhe fora feliz. Não precisaria de morrer caso não existisse o órgão mais monstruoso do Regime, e a este não lhe tivesse sido dado um poder tão esdrúxulo que, quando, enfim, cerca das 20.30 horas, a paz pousava sobre o Chiado, sentiu a arrogância e o rancor de, voluntariamente, iniciar uma contrarrevolução.

Não posso deixar de salientar que este livro é muito importante para mim devido a ter-me feito recordar, quarenta e cinco anos depois, um dia que, na minha memória pessoal, é tão jubiloso como doloroso. De certo modo, fiquei deveras feliz quando li, nas páginas de Fábio Monteiro, que o João não fora esquecido nos Açores. Cada leitor encontrará igualmente, nas seis histórias narradas, motivo ou motivos para enriquecer a sua memória pessoal, no mínimo para constatar que raramente na História a felicidade coletiva não é tecida – também – de tragédias individuais.

MIGUEL REAL

Quinta de Santo Expedito, Colares,
1 de março de 2019.